

## **RESSIGNIFICANDO AS VIVÊNCIAS DO LAZER: POR UMA CONCEPÇÃO AUTOTÉLICA NO CONTEXTO DA SÍNDROME DA IMUNODEFICIÊNCIA HUMANA ADQUIRIDA**

**Recebido em:** 17/01/2012

**Aceito em:** 26/06/2012

*Hunaway Albuquerque Galvão de Souza*  
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN  
Mossoró – RN – Brasil

*Edileuza de Monteiro Roque*  
Instituto de Formação Superior Presidente Kennedy  
Natal – RN – Brasil

*Moysés de Souza Filho*  
Instituto Federal de Ciência e Tecnologia do RN – IFRN  
Natal – RN – Brasil

*Themis Cristina Soares Mesquita*  
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN  
Pau dos Ferros – RN – Brasil

*José Pereira de Melo*  
Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN  
Natal – RN – Brasil

**RESUMO:** Na atualidade, a Síndrome da Imunodeficiência Humana Adquirida traz novos desafios para seus portadores, dentre estes, a manutenção do bem-estar geral e a reinserção da pessoa nas práticas comuns da sociedade incluindo, nesse *locus*, as atividades de lazer. Partindo desse contexto, o presente trabalho objetivou analisar as práticas de lazer de seis indivíduos, antes e depois de se descobrirem doentes de AIDS. Estudo de caráter exploratório com análise multirreferencial, utilizou como instrumento de coleta de dados o questionário. Os resultados apontam para o lazer como uma construção autotélica dos indivíduos pesquisados a partir de processos subjetivos de resignificação das atividades de lazer, possibilitando a vivência de um lazer criativo e crítico, imprescindível para a reivindicação de elaboração de políticas públicas de lazer que atendam e entendam os anseios dos atores sociais da pesquisa.

**PALAVRAS CHAVE:** Atividades de Lazer. Síndrome de Imunodeficiência Adquirida. Políticas Públicas.

**REDEFINES THE EXPERIENCES OF LEISURE ACTIVITIES: AN  
AUTOTELIC CONCEPCION IN THE CONTEXT OF ACQUIRED  
IMMUNODEFICIENCY SYNDROME**

**ABSTRACT:** Today the Acquired Immunodeficiency Syndrome (AIDS) brings new challenges to their carriers, among them the maintenance of general well-being and rehabilitation of a common practice of an individual in society, including these locus leisure activities. This study aimed to analyze the leisure practices of six subjects before and after they discover being patients with AIDS. The type of research was exploratory, to analyze multi-referential, used as an instrument of data collection questionnaire. The results point to the leisure as a construct of autotelic individuals surveyed from the subjective process of redefinition of leisure activities, enabling the entertainment experience of a creative and critical, essential to the claim of developing public policies that meet leisure and understand the aspirations of social actors in the research.

**KEYWORDS:** Leisure Activities. Acquired Immunodeficiency Syndrome. Public Policies.

## **1. Introdução**

A era da informação e das redes sociais, na qual a densidade das relações humanas vem sofrendo mudanças consideráveis parece estar conduzindo o homem para longe de si, o que poderá resultar em um processo de valorização dos aspectos da razão sem emoção, do físico sem a presença da paixão, em detrimento de sentimentos como o amor, a compaixão, a sensibilidade, a solidariedade, entre outros.

Os estilos de vida dessa era, com suas características específicas, “falam de um mundo em que os atores sociais devem “reconhecer-se” na identidade que estão em condições de construir ou naquela que lhes é imposta pela multiplicidade de pertencimentos sociais e pelos sistemas de regras que o governam (PINTO, 2002, p.21). Para corroborar com o exposto, recorreremos a Verden-Zöller (2004, p. 133) quando este afirma:

O humano surge do entrelaçamento de ambas as dimensões – a genética do Homo sapiens e a cultural da sociedade humana -, na epigênese humana particular que implica viver como ser humano entre humano. Somos concebidos como Homo sapiens, e nos humanizamos

no processo de viver como humanos ao viver como membro de uma comunidade social humana.

Portanto, é através de relações sociais que se criam os espaços de comunidade humana e democrática, espaços de convivência social, espaços de cooperação e de liberdade social. Vivemos numa época em que a sociedade enaltece os pressupostos racionalistas e atribui um valor supremo às atividades produtivas (MENDES; MELO, 2009), embora as questões que tratam do corpo e da subjetividade se constituam em temas dos debates contemporâneos, de acordo com Santaella (2007).

Assim sendo, esse valor exacerbado dado à produtividade altera as maneiras pelas quais concebemos e percebemos a ludicidade, a criatividade e a sensibilidade, no cotidiano do homem, já que estes são componentes, alicerçados na cultura e na história de vida pessoal. Diante do enclausuramento em si mesmo, imposto pela condição de ser produtor, o sujeito vê-se impelido a adotar uma nova perspectiva para lutar contra os essencialismos e convocar os sentidos e sensações como experiência primária essencial da vida humana (SANTAELLA, 2007).

No mundo-vida das pessoas vivendo com Síndrome da Imunodeficiência Humana Adquirida (AIDS), com o qual nos deparamos ao longo de nossa caminhada como pesquisadores, as repercussões psicossociais são ao mesmo tempo semelhantes e distintas daquelas de outras patologias orgânicas. Ao ser descoberta, a AIDS foi descrita como letal e incurável, entretanto, na atualidade com o advento da terapia com antirretrovirais<sup>1</sup>, os indicadores de mortalidade por AIDS vem sofrendo alterações

---

<sup>1</sup>Terapia com antirretrovirais de alta intensidade (HAART), que consiste na combinação de vários medicamentos, sendo disponibilizada gratuitamente aos usuários pelo Sistema Único de Saúde do Brasil. Possui efeitos colaterais muito graves, entre eles a Lipodistrofia, que causa sérias modificações morfofuncionais nas PVHAs (BRASIL, 2006).

acentuadas, passando essa a ser considerada como uma doença crônica controlável, que faz emergir uma nova sociabilidade para as pessoas que vivem e convivem com tal síndrome. Se para as doenças crônicas, em geral, é fundamental considerar o paciente como sujeito social e aprendente, no caso da AIDS, isso se torna ainda mais relevante, tendo em vista o estigma que ainda atravessa essa síndrome e todas as consequências que dela decorrem, e que afetam diretamente a quem com ela vive e convive (SEIGEL; LEKAS, 2002).

Diante dessa realidade, surgem novos desafios para as Pessoas Vivendo com HIV e AIDS (PVHA), dentre estes, a manutenção da qualidade de vida e a reinserção da pessoa nas práticas comuns na sociedade (CICCOLO; JOWERS; BARTHOLOMEW, 2004), incluindo nesse *locus* as atividades de lazer, pelo seu caráter autoformativo e como construto da saúde. Nesse sentido, traçar-se um fio condutor, que é fundamental para perceber os novos cenários emergentes, com os quais se defrontam as PVHAs e o caráter seletivos do mercado de lazer “cada vez mais forte, propagando uma visão cultural linear, superficial e unidimensional, restringindo as possibilidades de vivências de lazer da população e colocando em risco as manifestações tradicionais a cultura popular” (MELO, 2003, p.23). Sendo este, um ótimo ponto de partida para entender o significado e os referenciais culturais que dão sustentação/sentido a esta doença tão paradoxal e a necessidade do surgimento de uma concepção que venha superar essa visão de lazer pautada na desigualdade e diferença e, portanto, excludente e discriminatória.

O lazer assume, a partir desse contexto, um papel de extrema importância na vida das PVHAs por implicar no resgate da ludicidade, da alegria que emana de cada atividade/atitude do homem, transformando-as em oportunidades para expressar a

liberdade criativa e, nesse sentido, contribuindo de forma significativa para uma releitura de sua condição de Ser uno e ao mesmo tempo multifacetado, levando-se em consideração que, em estudo realizado por Sales (2000), foi constatado que, na maioria das vezes, a principal preocupação desses sujeitos é com o olhar dos outros em relação a si mesmo e ao seu estilo de vida.

Nesse caminhar, se fez necessário introduzir a noção de corporeidade, considerando-a como uma dinâmica constitutiva do ser humano nos estudos que envolvem a vida humana, o que segundo Assmann (1995), significa reconhecer que o corpo existe, que é definido e desenhado como característica genética de cada um, mas a é corporeidade que possibilita o envolvimento e movimento dos seres por meio de suas emoções e sentimentos. Isto porque, o corpo carrega em si as marcas indeléveis de sua cultura e a corporeidade se expressa pelo corpo, na sua habilidade essencial de autofazer-se, do auto-organizar-se como ser humano na sua complexidade.

É necessária, ainda, a compreensão sobre o papel do lazer como construto da saúde, levando em consideração o que está posto na Lei 8.080, que dispõe sobre as condições para a promoção, proteção e recuperação da saúde, a organização e o funcionamento dos serviços correspondentes e dá outras providências (BRASIL, 1990), quando menciona em seu Artigo terceiro que:

A saúde tem como fatores determinantes e condicionantes, entre outros, a alimentação, a moradia, o saneamento básico, o meio ambiente, o trabalho, a renda, a educação, o transporte, o lazer e o acesso aos bens e serviços essenciais; os níveis de saúde da população expressam organização social e econômica do País (BRASIL, 1990, p.1).

Nessa perspectiva, o reconhecimento do lazer como direito social que está presente no aparato legal do Estado brasileiro, de acordo com Lazarotti Filho (2007),

numa dimensão prospectiva de um novo modo possível de viver, torna-se espaço de reconstrução e “de diferenciação, de desejo de um ‘vir a ser’ com consciência cidadã, criatividade e alegria” (PINTO, 2002, p.24). O lazer, portanto, se configura como direito assegurando pela Legislação do Estado Brasileiro, não sendo somente um projeto de governo.

Assim, para este estudo, postulamos, em consonância com Marcellino (2000, p.15), uma concepção de lazer “marcada pela criticidade e criatividade, alicerçado no objetivo de *Denúncia* de uma realidade historicamente construída e no *Anúncio* de uma utopia focada na mudança do possível, a ser alcançado dentro de nossas vidas”. Lógica esta, segundo o autor, enraizada em valores de um lazer capaz de propiciar descanso, divertimento e desenvolvimento individual e social, ou seja, uma concepção de lazer que se contraponha a uma lógica de compensação, de alienação ou de exploração do mercado ao qual ele é submetido.

Para o referido autor, lazer pode ser definido como:

Cultura entendida no seu sentido mais amplo, vivenciada, consumida, ou conhecida no tempo disponível, que requer determinadas características como a livre adesão e o prazer, propiciando condições de descanso, divertimento e desenvolvimento tanto pessoal quanto social (MARCELLINO, 2001, p.31).

Esta visão ampliada do lazer como processo de autoformação do sujeito, já era recorrente nos anos de 1960, principalmente, pelo resgate das forças criativas dos estereótipos e rotinas impostas pelo cotidiano, mostrando assim, a profunda importância do lazer e a sua força de atração para a individualidade, como afirma Dumazedier (1994). Nesse argumento, o lazer é entendido como uma atividade não conformista, crítica e criativa de sujeitos historicamente situados.

Partindo desse argumento e do entendimento de lazer como elemento capaz de propiciar o desenvolvimento pessoal e social (MARCELLINO, 2001), e autotelia como princípio que diz respeito à autogestão, desejo, sentido, intencionalidade, tradução das escolhas pessoais, que implica em autonomia e determinação dos seres humanos (CSIKSZENTMIHALYI, 1992), o presente trabalho objetivou analisar as práticas de lazer de seis indivíduos, antes e depois de se descobrirem portadores do HIV.

## **2. Lazer como atividade autotélica no contexto das PVHA**

Passados 30 anos da descoberta do primeiro caso de AIDS estudado no Brasil, e apesar de sua cronicidade, observa-se ainda hoje o fator estigmatizante dessa síndrome, que não impossibilita fisicamente o indivíduo, porém, coloca os seus portadores num patamar de culpabilidade e de medo. Nas palavras de Serres (2004, p.18), “esse grande e verdadeiro medo, desencadeado por um monstro que aliena seu próprio corpo”, que não obedecendo ao modelo ou racionalidade predominante, não se presta à condição de simulacro (BINGEMER, 2011).

Diante desse cenário e devido ao aumento da média de vida das PVHAs, o novo desafio para os portadores dessa síndrome passou a ser o viver e o conviver com a mesma (MOSCOVICS, 2008), o que implica na elaboração de novos projetos, numa nova forma de viver a condição de doente crônico. Em virtude dos limites aos quais estão submetidos e pela necessidade de viver uma nova socialidade, esses indivíduos, buscam a construção de sua autonomia, de novos valores, de uma ordem moral, de interações e estilos de vida que nascem das relações, das ações e das retroações partilhadas em diversas situações sociais.

Assim entendido, esse processo se configura como prática educativa, colaborando com a ideia que a educação acontece em diversos espaços de atuação do

homem, sendo um processo criativo realizado pela via corporal. Isto porque, de acordo com Soares (2001, p.110), “os corpos são educados por toda realidade que os circunda, por todas as coisas com as quais convivem, pelas relações que se estabelecem em espaços definidos e delimitados por atos de conhecimento”.

Essa compreensão do homem como uma unidade em busca de harmonia com o seu entorno, levando em conta a complexidade dos sujeitos, e do lazer como uma possibilidade de ação educativa e não uma panaceia como um antídoto contra a violência, como um projeto de reivindicação social, contribuirá para a efetivação de atividades de lazer como processo autotélico do homem. Um espaço de valorização social, de manifestação de valores críticos e questionadores, constituindo-se como um elemento de amadurecimento social e político, podendo resgatar a cidadania e fazer dos indivíduos sujeitos de suas próprias histórias (MARCELLINO, 1989; SOUZA; ARAÚJO, 2009).

Sob essa ótica, Schwartz (2002) demonstra a necessidade dos indivíduos terem participação efetiva nas atividades ligadas ao lazer, o qual, por algumas de suas características, como liberdade, prazer e ludicidade, se torna um importante elemento na promoção da maximização da alegria do viver. Condena-se, dessa forma, o enfoque utilitarista e compensatório do lazer, uma vez que, na sociedade atual, o tempo destinado ao lazer passa a ser uma reivindicação social, uma questão de cidadania e de participação cultural. Portanto, o lazer como uma construção autotélica do sujeito no contexto das PVHA demanda esforços da complexidade vivida por esses sujeitos que enfrentam estigmatização e preconceito no processo de sua construção identitária, encontrados na trama social, após se descobrirem soropositivos para o HIV ou doentes de AIDS.

Buscar, portanto, uma concepção de lazer numa perspectiva autotélica passa a ter um papel preponderante nesse contexto e significa contribuir com a percepção do mesmo como uma construção dinâmica do ser situada no mundo, em busca da harmonização com a natureza, reconhecendo a interligação e interdependência entre os fatores sociais, culturais e históricos que permeiam a existência humana, pois em consonância com Cavalcanti (2008) a autotelia diz respeito a ações que têm um fim em si mesmo e estão voltadas para a subjetividade da cada Ser, implica em desejo e reflete autonomia e autodeterminação da expressividade humana no tempo presente (CAVALCANTI, 2008).

Para Csikszentmihalyi (1992, p.104), uma atividade autotélica “refere-se a uma atividade auto-suficiente, realizada sem expectativas de algum benefício futuro, mas simplesmente porque realizá-la é a própria recompensa”<sup>2</sup>. Portanto, entender o lazer como experiência ou atividade autotélica é percebê-lo, não somente como folga relaxante do trabalho, mas também como tempo livre, onde novas possibilidades de ação e interação podem ser criadas para puro deleite de quem o faz, possibilitando o encontro consigo e com a realidade circundante, ou seja, um elemento que possibilita o despertar da consciência crítica e uma reflexão sobre a injusta realidade na qual estão inseridas as PVHAs.

Os estudos realizados por Csikszentmihalyi (1992, 1999) sobre a fenomenologia das experiências de fluxo e do envolvimento com a vida cotidiana apontam a necessidade de aprendizagem para se vivenciar plenamente o lazer. Ressalta o autor que é comum se pensar que não há necessidade de qualquer habilidade para poder apreciar o tempo livre e que qualquer pessoa pode fazer isso. No entanto, argumenta que:

---

<sup>2</sup> Nas citações diretas e títulos de obras, a ortografia antiga será mantida, por fidelidade à obra citada.  
Licere, Belo Horizonte, v.15, n.3, set/2012

É mais difícil desfrutar o tempo livre do que o trabalho. Ter lazer à sua disposição não melhora a qualidade de vida, a menos que a pessoa saiba como usá-lo de maneira eficaz; o lazer não é de modo algum algo que a pessoa aprenda a fazer automaticamente (CSIKSZENTMIHALYI, 1999, p.67).

Afirma, ainda, que a sociedade que não compreende a importância desse tempo de lazer como desenvolvimento de si, assim, o desperdiça com atividades que impedem seu crescimento pessoal. É com essa preocupação que se faz necessário identificar no seu viver cotidiano o fluir do fenômeno lúdico, destacando seus benefícios essenciais de crescimento individual e coletivo. Podendo ocorrer satisfação de prazer para que seja permitido tatuá-los nos diferentes corpos como aprendizagem para futuras experiências. Portanto, o lazer como afirmação de si e como um tempo socialmente conquistado pelo sujeito é um modo de expressão que passa primeiro pelo corpo, com seus sentidos, sentimentos e imaginação, e ainda como importante elemento de autoformação (DUMAZEDIER, 1994).

### **3. O Caminho Metodológico**

O desenvolvimento da metodologia deste estudo caracterizou-se como um processo de construção e reconstrução permanente do caminho para garantir a maneira mais adequada da investigação do problema, considerando, principalmente, a condição de doente de AIDS da população. Por estar inserida no campo da subjetividade e das representações simbólicas, elegemos uma metodologia qualitativa. Optou-se por um estudo exploratório, que é caracterizado pela aproximação do pesquisador a um determinado problema que ainda não foi explorado em profundidade. Gil (1991) comenta que os estudos exploratórios proporcionam uma familiaridade com o problema, tornando-o mais explícito, favorecendo assim o aprimoramento de ideias ou a

descoberta de intuições, sendo o seu planejamento bastante flexível, contemplando dessa forma os mais variados aspectos relativos ao fato estudado.

O instrumento de coleta de informação foi selecionado com a finalidade de viabilizar a qualidade das informações, de acordo com o problema da pesquisa, o contexto de sua realização e as características dos seus colaboradores. Sendo assim, como recurso de coleta de dados do estudo, utilizou-se o contato direto com os participantes, aos quais foi apresentado um questionário com a questão norteadora desta pesquisa. Todos os participantes preferiram respondê-la por escrito. Essa estratégia, de acordo com Triviños (1987), permite ao informante, seguindo espontaneamente a linha de seu pensamento e de suas experiências dentro do foco principal colocado pelo investigador, começar a participar na elaboração do conteúdo da pesquisa.

Na análise dos dados realizadas a partir das respostas dos participantes à questão norteadora do estudo, utilizamos a abordagem multirreferencial, por entendermos que diante de uma tradição epistemológica mais rígida, precisamos lançar um olhar plural sobre o fenômeno estudado, negando desta forma modelos positivistas e racionais, caracterizada pela leitura de uma realidade fixa, estável e imutável (MACEDO, 2000).

O grupo estudado faz parte do projeto de extensão do Departamento de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), denominado Pró-Atividade Física e Saúde, que oferece práticas corporais para a PVHA, sendo também a população alvo da tese de doutorado em desenvolvimento, da primeira autora do presente artigo. O estudo principal, do qual deriva este recorte, foi submetido ao Comitê de Ética do Hospital Onofre Lopes da UFRN e aprovado sob o número 045/06. Todos os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), antes do início da investigação.

São homens e mulheres com faixa etária entre 35 e 50 anos, que já desenvolveram a doença AIDS e recebem atendimento clínico no Hospital Gizelda Trigueiro<sup>3</sup>. São profissionais autônomos ou aposentados, que ao longo de suas vidas enquanto doente de Aids sofreram processos de desindividuação devido aos efeitos colaterais da terapia medicamentosa<sup>4</sup> e o do próprio avançar da infecção pelo vírus HIV para a doença Aids.

#### **4. Vivências do Lazer: o antes e o depois**

O envolvimento dos participantes deste estudo com as vivências de lazer antes de se descobrirem soropositivos ou doentes de AIDS, aponta para as mesmas como atividades onde o ponto focal era a diversão pura e simples, descontextualizadas das suas reais necessidades.

Podemos observar isso nas respostas dos participantes K, J e S:

Sempre tive o lazer como forma de “cano de escape” para as energias acumuladas (*stress*) durante o decorrer da vida, por esse motivo sempre mantive uma rotina diária de lazer com uma variedade de programas: viagens, praias, baladas, bares, restaurantes, cinemas, teatros e outros. (Participante K, 2010)

Praia (que nem gosto), lanches nos fins de tardes, bares com excessos, viagens longas e cansativas, mais para os outros do que para mim mesma. (Participante S, 2010)

Eu sempre fui muito boêmia e tinha como divertimento frequentar bares e, como sempre fui envolvida com música, procuravam sempre os ambientes onde houvesse serestas, e principalmente muita bebida; fazia isso pelo menos três vezes por semana; era fumante e achava que o cigarro também fazia parte de meu lazer. (Participante J, 2010)

---

<sup>3</sup> Hospital de referencia para atendimento as PVHA, localizado na cidade de Natal/RN.

<sup>4</sup> Terapia com antirretrovirais de alta intensidade (HAART), que é disponibilizada gratuitamente pelo Sistema Único de Saúde, e possui efeitos colaterais muito graves, entre eles a Lipodistrofia, que causa sérias modificações morfofuncionais nas PVHAs (BRASIL, 2006).

As respostas revelam diferentes sentidos atribuídos ao lazer em cada história de vida. Percebe-se que os participantes do estudo destacam que suas experiências de lazer eram destinadas à busca pela diversão e pelo prazer, estando sós ou em companhia de pessoas que faziam parte dos seus vínculos de amizade, ficando evidente, dessa forma, o caráter individualista da vivência do lazer, a liberdade de escolha e a satisfação como fim. Expressa, de certa forma, a concepção ambígua e polissêmica do lazer, alertando para a constatação de que a visão sobre essas vivências varia entre as pessoas, aquilo que é lazer para um, pode não ser para outro.

Observa-se que a exaltação e criação de atividades de lazer tinham a ambição de extravasar tensões, bem como contribuir com a instauração de padrões de normalidade, com a administração do uso do tempo livre, para seu prazer ou para atender desejos de outrem e para cultivar vícios. Sendo este o entendimento de lazer como fonte de inspiração para enfrentamento dos problemas sociais como uma válvula de escape das dificuldades cotidianas, características da sociedade moderna (ROCHA; SILVA, 2002), mas também, conforme afirma Dumazedier (1994, p.47), aponta para “a importância profunda do lazer, [...] sua força de atração pra a individualidade, mesmo sob práticas aparentemente ‘fúteis’”.

Constata-se que os relatos vão de encontro ao que afirmam os estudos realizados por Csikszentmihalyi (1999) sobre a fenomenologia das experiências de fluxo e do envolvimento com a vida cotidiana, que apontam a necessidade de aprendizagem para se vivenciar plenamente o lazer. Para o autor, parece contraditória a constatação de que o indivíduo que possua garantido seu direito ao tempo livre não saiba como usufruir essa conquista social com sensatez, visando seu próprio bem-estar pessoal, já que a

noção de tempo livre desde o advento da revolução industrial representa um ganho na busca pela qualidade existencial (SCHWARTZ, 2002).

O contraponto desse contexto pode ser observado na fala do participante “W”, que demonstra ter um entendimento do lazer como sinônimo de atividade física para manutenção e saúde e qualidade e vida:

Sempre fui uma pessoa que gosta do lazer e de esporte. Então antes eu sempre procurei ter o mínimo de lazer, praticava esporte como natação; já fiz muito condicionamento físico. Acho que posso dizer que sempre me importei com minha saúde física. (Participante W, 2010)

Para esse indivíduo, o lazer caracteriza-se como experiência individual, vivida em atividades esportivas ou contemplativas; circunscrita há um tempo livre; para movimentar o corpo, realizada isoladamente, prevalecendo o interesse pessoal em busca do prazer. Nesse sentido, a prática de atividade física com vistas ao lazer e à qualidade de vida nos remetem ao conceito da ecologia do desenvolvimento humano, que aponta para a interação homem/natureza pautada em um equilíbrio dinâmico (KREBS, 2002).

A partir desse depoimento é possível fomentar uma percepção de lazer que ressalta a subjetividade como uma das suas principais características, pois ao projetar as necessidades e os anseios do indivíduo, pode estimular o desejo de construção de uma nova forma de estar no mundo. Nesse sentido, a individualidade assume um valor social, um sentido mais forte neste espaço intersticial do lazer, uma valorização da autonomia em relação às tutelas institucionais, que não estariam ameaçadas (DUMAZEDIER, 1994).

O lazer assume, assim, um papel de extrema importância por implicar em estado de fluxo, em oportunidades para expressar a liberdade criativa e fonte geradora da

alegria de viver. Torna-se autocriação, assumindo um papel de extrema importância para uma releitura de condição de ser-no-mundo, ou seja, para o que si é, em essência.

Toda e qualquer oportunidade cultural que venha a fomentar caminhos para um novo redimensionamento do lazer, com um caráter significativo é considerado primordial e os desafios para a concretização de mudanças de atitudes e valores referentes a essas atividades representam uma premissa para se minimizar aspectos de discriminações e aprimorar as perspectivas de desenvolvimento pessoal. Revelando assim um aspecto bastante significativo: a experimentação pessoal - a vivência das atividades que se constituem no principal eixo de ação sobre o qual as intervenções começarão a fazer sentido.

Nesse sentido ao analisarmos as respostas dos indivíduos sobre as vivências de lazer após se descobrirem enquanto PVHA podemos afirmar que todas as modificações e segregações pelas quais passam esses indivíduos, agem diretamente na concepção de novas formas de entender a vida e em novas maneiras de fruição no lazer. Podemos percebê-la, nos depoimentos registrados sobre como essas pessoas passaram a vivenciar os seus momentos de lazer, como experiências significativas para a sua vida. Em seus depoimentos, “J”, “K”, “C” e “W” afirmam:

Hoje, aos 39 anos, e tendo descoberto a sorologia aos 33 anos, permaneço seguindo os mesmos princípios, porém com algumas ressalvas: evito os exageros, as farras, que antes eram enormes, hoje são mais comedidas; acrescentei ao meu lazer (:) o exercício físico. (Participante K, 2010).

Hoje, depois de 10 anos de soropositividade, tudo isso mudou muito. Meu lazer continua ligado à música, mas de uma forma muito mais saudável. Frequento *shows* e participo de projetos culturais, já que a música sempre teve um papel muito importante para mim, e faço exercícios físicos. (Participante J, 2010).

Percebe-se, a partir dos depoimentos, que o lazer passou a ter uma função de divertimento e descanso das atividades diárias, ou seja, atividades/attitudes as quais os indivíduos se entregam de bom grado, para desenvolver informação ou formação desinteressada (DUMAZEDIER, 1980), bem como, ao incorporarem o lazer ativo em suas vidas, esse passa a ter influência direta no estilo de vida desses indivíduos. De acordo com França (2011, p.09):

O que implica, também, incorporar pensamentos que distinguem e unem descobertas no domínio do lazer, numa espiralidade de práticas livres, críticas, autocriativas e criadoras, donde o homem, em sua totalidade (re) cria e socializa o que produz e o que transforma desencadeando o fluxo de conhecimento.

Nos depoimentos abaixo, podemos perceber, a função do lazer como atividade que promove o desenvolvimento pessoal (DUMAZEDIER, 1980), ou seja, como processo educativo e formativo, na medida em que os momentos destinados ao lazer oportunizam, tanto nas relações sociais, quanto nas interpretações e ressignificações do mundo, trocas de valores e comportamentos, criando e reforçando identidades culturais.

Hoje procuro um bom lazer como viajar, caminhar. Ainda, escolhi viver numa cidade que tem qualidade de vida. Isso pra mim é primordial. (ante W, 2010)

Depois da soropositividade começaram as dúvidas; se podia estar em lugares com pessoas não soropositivas compartilhando festas, praias, etc. Comecei a procurar pessoas pra me esclarecer muitas dúvidas, e vi que podia estar presente em qualquer lugar, com qualquer pessoa, e voltei a me sentir uma pessoa normal novamente. (Participante C, 2010).

Percebe-se que o tempo e o espaço destinado ao lazer desses indivíduos, pode ser também entendido como tempo e espaço de autoformação, pois implica no desejo em regular, orientar e gerir suas atividades de lazer, como um elemento de transformação, podendo cultivar a vida; resgatar a cidadania e fazê-los protagonistas de

suas próprias histórias. Nesse sentido, de acordo com Souza e Araújo (2009), podemos perceber o lazer como uma necessidade humana. Como instrumento de formação cultural, histórica e social, como uma prática reveladora na formação de cada indivíduo

Vale lembrar que, para esses sujeitos, a ruptura com a sociedade causada pela discriminação e preconceito cria um hiato entre a simultaneidade e congenialidade das experiências do eu e do mundo, que impedirá um deslocamento dos elementos estruturais para as formas de como o lazer é vivido e experienciado, pois o crescente processo de impessoalidade e desencantamento nas relações interpessoais e o conviver com incertezas e descontinuidade da realidade, levam a atitude instrumental em relação a si mesmo e aos outros.

No caminhar da subjetividade, mostra a necessidade do entendimento “do mistério essencial no cerne de cada vida humana” (HILLMAN, 2001, p.16) a fim de minimizar os danos causados pelo estigma que assola essa síndrome desde sua descoberta. Evidencia, portanto, o lazer como construção autotélica do indivíduo, a partir de necessidades advindas de situações cotidianas segregadoras e limitantes das potencialidades criadoras e dos mistérios que adormecem na essência de cada ser humano.

## **5. Para concluir**

A análise comparativa dos depoimentos dos sujeitos desta pesquisa assinala para mudanças significativas nas atitudes diante dos cuidados com as vivências de lazer, que foram resignificadas a partir da necessidade de criação de outros territórios ou pela desterritorização contemporânea dos espaços formais de lazer, “afirmando ao mesmo tempo um estilo, uma inspiração, que fará reconhecer, à primeira vista, a assinatura de um criador” (GUATARRI, 1992, p.177). Tudo isso supõe uma busca de atender às suas

necessidades psicossociais e impulsionar a capacidade de autonomia para autocuidar-se, já que os indivíduos albergam em suas estruturas cognitivas o interesse por mudanças e ao se pensar em operacionalizar mudanças em âmbitos maiores que os pessoais, o processo torna-se ainda mais desafiador, tendo em vista que entra em jogo fatores como a interação com outros membros do meio social, a redefinição de papéis sociais relativos à aceitação no grupo, entre tantos outros.

Aponta ainda para a necessidade de construção de projetos de vida, onde esses espaços sejam entendidos sob uma perspectiva autoecoformativa, que possibilite a vivência dessa nova realidade a ser compartilhada e co-habitada, com prazer e responsabilidade, já que passam a ser uma conquista social do tempo livre e possibilitam, de acordo com Dumazedier, (1994, p.48), “uma forte expressão social [...] de si mesmo através do corpo, do coração ou do espírito”.

Isto posto, vivenciar novas maneiras e novos espaços de lazer será determinante nos aspectos da busca pela qualidade existencial de quem sofre com o preconceito e o estigma dessa doença, delineando-as como vivências sensíveis e emocionais. Um rico processo de construção de subjetividades, onde há a retomada da capacidade de interagir de forma positiva como seu entorno e se perceber como cidadão, como produtor de conhecimento que possibilite a construção de um novo conjunto de valores, através dos quais podem ter acesso aos bens culturais de que se pode desfrutar nos momentos de lazer.

Esse novo entendimento de lazer precisa ser aceito e vivido em plenitude e intensidade, pois sobre ele incide a idéia de transformação e melhoria da sociedade da qual são construído e construtores. Para corroborar com o exposto, buscamos respaldo em Marcellino (1995, p.17), quando afirma que o lazer “merece tratamento sério sobre

suas possibilidades e riscos. Nesse sentido, proponho considerá-lo não como simples fator de amenização ou alegria para a vida, mas como questão mesmo de sobrevivência humana, ou melhor, de sobrevivência do humano no homem”.

Acreditamos que, ao aventarmos nesse estudo o entendimento de lazer como uma construção autotélica do sujeito, postulamos também a construção de subjetividades e de processos de corporificação que possibilitam a vivência de um lazer criativo e crítico, imprescindível para a reivindicação de elaboração de políticas públicas de lazer que atendam e entendam os anseios dos atores sociais da pesquisa.

## REFERÊNCIAS

ASSMANN, Hugo. **Paradigmas educacionais e corporeidade**. 3. ed. Piracicaba: Unimep, 1995.

BRASIL. **Boletim epidemiológico - Aids e DST**. 01ª a 26ª Semanas Epidemiológicas. Ministério da Saúde - Secretaria de Vigilância em Saúde - Programa Nacional DST e Aids, Brasília, 2006.

BRASIL. **Lei nº 8080** de 19 de setembro de 1990. Diário Oficial da República Federativa do Brasil. Brasília, 19 de setembro de 1990.

BINGEMER, M.C.L. **Violência e corporeidade** (sobre sacralidade, agressão e santidade violada). Disponível em: <http://www.users.rdc.puc-rio.br>. Acesso em: 09 jan. 2011.

CAVALCANTI, Kátia Brandão. Jogo de areia e transdisciplinaridade: desenvolvendo abordagens ludopoiéticas para a educação e a pesquisa do lazer. **Licere**, n.11, v.3, 2008.

CICCOLO, J.T; JOWERS, E.M; BARTHOLOMEW, J.B. The benefits of exercise training for quality of life in HIV/AIDS in the post-HAART era. **Sports Med.** 2004, n.34, p.487-99.

CSIKSZENTMIHALYI, Mihaly. **A descoberta do fluxo**: a psicologia do envolvimento com a vida cotidiana. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

\_\_\_\_\_. **A psicologia da felicidade**. São Paulo: Saraiva, 1992.

DUMAZEDIER, Joffre. **A revolução cultural do tempo livre**. São Paulo: Studio Nobel, 1994.

\_\_\_\_\_. **Planejamento de lazer no Brasil: a teoria sociológica da decisão**. São Paulo: SESC-CODES/DICOTE - CELAZER, 1980.

FRANÇA, Tereza Luiza. Lazer-educação física: universos de (re)criação da beleza e da felicidade do corpo. **Licere**, n.14, v.4, p.1-18, 2011.

GIL, Antônio Carlos 3.ed. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 1991

GUATARRI, Félix. **Caosmose: um novo paradigma estético**. São Paulo: Editora 34, 1992.

HILMAN, James. **O Código do ser: uma busca do caráter e da vocação pessoal**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

KREBS, Ruy. Lazer, Meio Ambiente e Atividade Física: uma trilogia interpretada através do paradigma bioecológico. *In*: BURGOS, Miria; PINTO, Leila Santos de Magalhães (Org.). **Lazer e estilo de vida**. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2002.

LAZAROTTI FILHO, Ari. Formação para a ação: a experiência do esporte e lazer da cidade no “Nortão” do Mato Grosso. *In*: CASTELANNI FILHO, Lino (Org.) **Gestão Pública e Política de Lazer: a formação de agentes sociais**. Campinas: Autores Associados, 2007.

MACEDO, Roberto Sidnei. **A etnopesquisa crítica e multirreferencial nas ciências humanas e na educação**. Salvador: EDUFBA, 2000.

MARCELLINO, Nelson Carvalho (Org.) **Lazer e esporte: políticas públicas**. Campinas: Autores Associados, 2001.

\_\_\_\_\_. **Estudos do Lazer: uma introdução**. São Paulo: Autores Associados, 2000.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da animação**. 6. ed. Campinas: Papyrus. 1989.

\_\_\_\_\_. **Lazer e Humanização**. 2. ed. Campinas: Papyrus, 1995.

MELO, Victor Andrade de. **Lazer e minorias sociais**. São Paulo: IBRASA, 2003.

MENDES, M. I. B. S.; MELO J. P. Notas sobre Corpo, Saúde e Ludicidade. **Licere**, Belo Horizonte, v.12, n.4, p.1-13, 2009.

MOSKOVICS, J. M. **Gestantes soropositivas: dimensões psicossociais na adesão ao pré-natal**. 2008. 191f. Tese (Doutorado em Psicologia). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

PINTO, Leila Santos de Magalhães. Lazer e estilos de vida: reflexões e debate na perspectiva da “virada” da contemporaneidade. *In*: BURGOS, Miria; PINTO, Leila Santos de Magalhães. (Org). **Lazer e estilo de vida**. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2002.

SALES, R. A. J. **Pensando as Vivências do Lazer dos Soropositivos ao HIV/AIDS**. (Monografia Especialização) – Escola de Educação Física da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2000.

SANTAELLA, Lucia. **Linguagens Líquidas na era da modernidade**. São Paulo: Paulus, 2007.

SCHWARTZ, Gisele Maria. . Emoção, aventura e risco – a dinâmica metafórica dos novos estilos. *In*: BURGOS, Miria; PINTO, Leila Santos de Magalhães. (Org.) **Lazer e estilo de vida**. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2002.

SEIGEL, K.; LEKAS, H. M. AIDS as a chronic illness: psychosocial implications. **AIDS- Official Journal of the Internacional Aids Society**.v. 16, n.2, p. 69–76, 2002.

SERRES, Michel. **Variações sobre o corpo**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

SOARES, Carmem Lucia. Corpo, conhecimento e educação: notas esparsas. *In*: SOARES, Carmen Lúcia (Org.). **Corpo e história**. São Paulo: Autores Associados, 2001.

SOUZA, George Antonio do Nascimento; ARAÚJO, Patrícia. Lazer Para Que Te quero, **Licere**, Belo Horizonte, v.12, n.3, 2009.

ROCHA, Luis Carlos; SILVA, Wellington Araújo. Tempo e lazer: relações com o tempo livre. **Revista da Educação Física/UEM** Maringá, v. 13, n. 2, p. 133-139, 2002.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

VERDEN-ZÖLLER, Gerda. O brincar na relação materno-infantil. In MATURANA, Humberto; VERDEN-ZÖLLER, Gerda. **Amar e brincar: fundamentos esquecidos do humano**. São Paulo: Palas Athena, 2004.

### **Endereço da Autora:**

Hunaway Albuquerque Galvão de Souza  
Rua Ismael Pereira da Silva, 1635  
Bairro Capim Macio – Natal – RN  
CEP.: 59082-000

Endereço eletrônico: [hunaway@bol.com.br](mailto:hunaway@bol.com.br); [hunawaygalvao@uern.br](mailto:hunawaygalvao@uern.br)